

Fontes científicas na integridade da informação climática sobre a savanização da Amazônia no jornalismo brasileiro

SIMÃO FARIAS ALMEIDA

*Universidade Federal de Roraima
Boa Vista, Roraima, Brasil*

EVELINE TEIXEIRA BAPTISTELLA

*Universidade do Estado do Mato Grosso
Tangará do Sul, Mato Grosso, Brasil*

SEWBERT RODRIGUES JATI

*Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Amazonas, Brasil*

WILLIANS SEVERINO DIAS

*Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil*

DANIELA BATISTA DA SILVA

*Universidade Federal de Roraima
Boa Vista, Roraima, Brasil*

ID 3295

Recebido em

04.11.2025

Aceito em

28.07.2026

A integridade da informação climática envolveu os construtos de riscos em um panorama de incertezas, soluções, enfrentamentos socioambientais e combate à desinformação até a atualidade, ficando a cargo de cientistas confrontá-la. Baseados em declarações sobre o uso ou não do termo da savanização da Amazônia como problema de pesquisa, e em convergência com o enquadramento jornalístico da fragilidade da floresta diante do aquecimento global, pretendemos investigar como a pressuposição e a fidelização das distintas fontes científicas não implicam em desinformação, mas, na verdade, mantêm o consenso climatológico íntegro, apesar de forjar uma hierarquização entre elas, diluída em distintas webmatérias.

Palavras-chave: Integridade informacional. Jornalismo climático. Fontes científicas. Savanização da Amazônia. Pós-fenomenológico.

Scientific Sources on Integrity of Climate Information on the Savannization of the Amazon in Brazilian Journalism

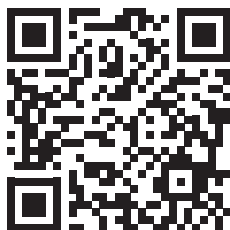
The integrity of climate information has involved risk constructs within a landscape of uncertainties, solutions, socio-environmental challenges, and the fight against disinformation to the present day, depending on scientists to confront it. Based on the statements about the use or non-use of the term “savanization of the Amazon” as a research problem, converging with the journalistic framing of the forest’s fragility in the face of global warming, we intend to investigate whether the presupposition and adherence to different scientific sources do not imply disinformation, but, in fact, they maintain the integrity of the climatological consensus, despite forging a hierarchy among them, diluted in different online articles.

Palavras-chave: Informational integrity. Climate journalism. Scientific sources. Savannization of the Amazon. Post-fenomenological.

Fuentes científicas en la Integridad de la información climática sobre la sabanización del Amazonas en el periodismo brasileño

La integridad de la información climática ha implicado la construcción de riesgos dentro de un panorama de incertidumbres, soluciones, desafíos socioambientales y la lucha contra la desinformación, que hasta el día de hoy depende de la labor de los científicos para afrontarla. A partir de las declaraciones relativas al uso o no uso del término “savanización del Amazonas” como problema de investigación, en conjunción con el enfoque periodístico de la fragilidad del bosque ante el calentamiento global, nos proponemos investigar si la presuposición y la fidelidad de diferentes fuentes científicas no implican desinformación, pero, de hecho, mantienen la integridad del consenso climatológico, a pesar de establecer una jerarquía entre ellas, diluida en diversos artículos web.

Palabras clave: Integridad informativa. Periodismo climático. Fuentes científicas. La sabanización de la Amazonia. Posfenomenológico.



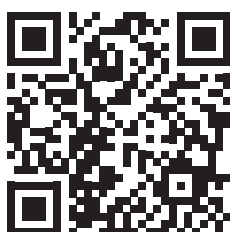
ORCID

Simão Farias **ALMEIDA**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR).

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil

E-mail: simaofariasfarias@gmail.com



ORCID

Eveline Teixeira **BAPTISTELLA**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT). Docente do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Universidade do Estado do Mato Grosso, Tangará do Sul, Mato Grosso, Brasil

E-mail: evelineteixeira@unemat.br



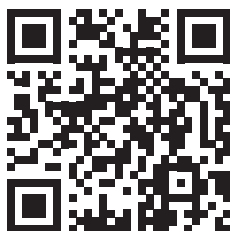
ORCID

Sewbert Rodrigues **JATI**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical da Universidade do Estado do Amazonas (PPGMT-UEA).

Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil

E-mail: sewbert@gmail.com



ORCID

Willians Severino **DIAS**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC).

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

E-mail: williansdias59@gmail.com



ORCID

Daniela Batista da **SILVA**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR).

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil

E-mail: dannyella.batista.silva@gmail.com

Introdução

A Amazônia, o maior bioma florestal tropical do mundo, tem sido reconhecida como uma componente vital na regulação do clima global. No entanto, não existiu sempre da forma como é hoje. Ao longo de sua história geológica, especialmente durante as glaciações do Pleistoceno (2,6 milhões a 11.700 anos atrás), o bioma passou por ciclos naturais de contração e expansão, com a floresta fragmentando-se em refúgios e dando lugar a ecossistemas mais secos, semelhantes a savanas (Santos; Vale Júnior; Barbosa, 2013; Feitosa *et al.*, 2016). Essa dinâmica histórica, que deixou para trás remanescentes florestais em áreas de savana, é um fator-chave para a alta biodiversidade da região.

No entanto, a estabilidade e a integridade atuais da floresta estão sob ameaça crescente, o que é impulsionado por um processo de savanização por ação humana sem precedentes em termos de escala e velocidade. Essa transformação é uma consequência da combinação de desmatamento, queimadas e mudanças climáticas globais, e nesse contexto, a *hipótese da savanização da Amazônia* tem emergido como um dos debates mais urgentes para as ciências ambientais.

Tal processo de degradação não é linear, mas impulsionado por um ciclo de *feedbacks* complexos entre a atmosfera e a biosfera (Feitosa *et al.*, 2016). O desmatamento e o aumento da temperatura reduzem a capacidade da Floresta Amazônica de reciclar sua própria umidade, diminuindo o volume de chuvas e tornando-a mais vulnerável a incêndios (Fearnside, 2008). Essas condições favorecem o crescimento de vegetações mais resistentes à seca, como as do Cerrado (Savana), em detrimento das espécies de floresta tropical. As consequências dessa transição seriam devastadoras, afetando a biodiversidade local e o regime de chuvas em outras partes da América do Sul (Cândido *et al.*, 2007). Os sinais dessa savanização em diferentes regiões da Amazônia já estão sendo mapeados com o uso de tecnologias, como o georreferenciamento e o monitoramento por satélites (Ribeiro *et al.*, 2023). Além do mais, pesquisas em áreas de savana em Roraima destacam a necessidade de políticas de conservação para resguardar fragmentos florestais isolados (Santos; Vale Júnior; Barbosa, 2013).

Os impactos concretos desse processo manifestam-se de forma sistêmica e sinérgica nos diferentes compartimentos do bioma amazônico (Nobre; Arieira; Brandão, 2025). Hidrograficamente, a savanização compromete a “bomba biótica” amazônica, reduzindo drasticamente a evapotranspiração e a formação dos “rios voadores”, o que desestabiliza o regime de chuvas em escala continental (Amaral; Souza, 2025; Scanavino, 2026). Em paralelo, a perda da cobertura florestal altera a dinâmica de infiltração, expondo os solos à lixiviação acelerada e ao empobrecimento nutricional, resultando em uma compactação que dificulta a regeneração da vegetação original (Beuchle *et al.*, 2022). No que tange à flora, observa-se a substituição de espécies arbóreas higrófilas de grande porte por vegetações de menor biomassa e mais resistentes à seca, o que aumenta a inflamabilidade da paisagem e reduz a capacidade de estocagem de carbono (Portella *et al.*, 2022). Esse cenário culmina em uma fragmentação de habitats que impacta severamente a fauna, provocando o declínio de espécies especialistas que dependem do dossel fechado (Werneck; Ferreira; Zanusso, 2023). Além da perda de biodiversidade, a desestruturação desses ecossistemas favorece o deslocamento de patógenos (Alves *et al.*, 2024), elevando o risco de emergência de zoonoses e novas crises sanitárias e consolidando o que Carlos Afonso Nobre e colegas (2025) classificam como o “ponto de não retorno” do bioma.

O cotidiano de agressões e desrespeito experienciado pelo bioma amazônico e seus habitantes encontra paralelo com as rotinas da atividade jornalística. Segundo a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), a profissão é marcada por constantes desafios ligados à violência. Em 2024, foram registrados no país 210 alertas de ataques a jornalistas e meios de comunicação. Quase 41% desses episódios foram graves, envolvendo agressões físicas, ameaças, intimidação e destruição de equipamentos (Abraji, 2024). Em um cenário como esse, é impossível esquecer os assassinatos do indigenista brasileiro Bruno

Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, mortos em Atalaia do Norte, no Amazonas, em junho de 2022. Eles trabalhavam juntos no projeto de um livro no qual pretendiam denunciar a invasão do território indígena do Vale do Javari e outras práticas criminosas. O inquérito da Polícia Federal (PF) apontou que Bruno foi morto devido a seu trabalho em parceria com as comunidades indígenas locais para proteger a região de atividades como o garimpo e a pesca ilegais. Já Dom Phillips foi executado para que os fatos levantados na região não fossem publicados (Bond, 2025). Essas mortes representam uma morte conjunta da natureza e da liberdade de expressão, tão cara às democracias ocidentais.

Conforme apontam Wilson Bueno (2024) e Beatriz Dornelles (2008), o jornalismo ambiental tem que primar pela defesa dos interesses sociais, e nem sempre todos os lados devem ser ouvidos. Há situações em que as agressões às leis e ao meio ambiente são tão explícitas que é dever do jornalista não relativizar e compatibilizar perspectivas factuais em disputa, a exemplo do agronegócio e da agricultura familiar. Segundo Bueno (2007, p. 21), é preciso

[...] repudiar a neutralidade, tomar partido, investigar as causas e consequências da ação nefasta dos grupos econômicos que degradam o planeta. Consiste, sobretudo, em defender, com coragem, a necessidade premente de aumento da qualidade de vida dos cidadãos.

Essa coragem inclui, ainda, enfrentar não apenas as agressões físicas, mas também a própria morte. Por isso, é preciso lembrar que muitos dos graves problemas ambientais ocorridos na Amazônia seguem invisibilizados, seja pela violência praticada contra os jornalistas seja por maneiras mais sutis de manter a exploração do bioma amazônico, tais como a desinformação. Outro modo de manter o silêncio é pela asfixia causada pela falta de financiamento, ou pela oferta de financiamento vinculado à cobertura parcial.

Assim, o jornalismo ético e orientado para o interesse social é fundamental para a proteção da Amazônia, embora as ameaças contra suas práticas sejam muitas, assim como as estratégias de descredibilização das ameaças climáticas e de qualquer forma de jornalismo profissional. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2024), o ato de questionar a credibilidade da imprensa foi regra durante o governo Bolsonaro (2019-2022) e segue como meio de comprometer a prática do jornalismo como um todo. Com isso, vemos a redobrada importância de nos atentarmos para o vínculo entre o combate às mudanças climáticas e o fortalecimento das práticas jornalísticas.

Nesse contexto, também emergem novos riscos ambientais, refletidos em temas urgentes para o jornalismo ambiental quando se trata da cobertura da Amazônia, como a savanização. O avanço das práticas de exploração – por meio da expansão da ocupação humana, da mineração e do agronegócio – afeta gravemente a dinâmica do bioma, trazendo à tona a pauta de uma mudança radical na paisagem amazônica como a conhecemos. Segundo Philip Fearnside (2018), em 2100, a temporada de chuvas (entre junho e agosto) deve ser entre 6 °C e 8 °C acima da média de 1995 a 2005. No futuro, as chuvas devem diminuir consideravelmente, e a ocorrência de eventos climáticos extremos como grandes secas e inundações vai aumentar (Fearnside, 2018). Nesse sentido, a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30) é emblemática, por marcar o último prazo para evitar o chamado “ponto de não retorno”, ou seja, se nada for feito para frear o desmatamento no bioma, o ciclo de chuvas e secas será tão gravemente afetado que teremos o início de um processo de “desertificação” (Dolce; Montenegro; Schoenenberg, 2025).

Conforme aponta Bertha Becker (2007), na geopolítica global, a Amazônia passou a ser percebida como um patrimônio mundial, mas os esforços para sua conservação passam muito mais por tomadas de decisão que não contemplam o bem-estar e as vozes dos seus habitantes, que veem esgotadas suas próprias visões de futuro dentro do bioma. Pela esfera da comunicação, vemos uma apropriação da temática da sustentabilidade por grandes “jogadores” do capitalismo financeiro e do capitalismo de consumo, que dependem fortemente do que Zygmunt Bauman (2022) chamou de “transformação de pessoas em merca-

dorias”. Por isso, o jornalismo também se vê diante da necessidade de repercutir e problematizar também como esses grupos econômicos se apropriam não só do chamado *discurso verde*, mas também das estratégias de desinformação aplicadas à obtenção de cada vez mais oportunidades para explorar a Amazônia por meio de grandes projetos conforme os interesses do capital internacional.

Desse modo, é necessário que o olhar jornalístico sobre a Amazônia amplie-se, passando a pautar os interesses voltados às consequências da ação humana e das mudanças climáticas sobre o bioma – evitando a normalização de mudanças que são graves, tais como a desertificação, a ser tratada como uma nova fase antropocêntrica na história geológica e ambiental do planeta. Afinal, aceitando que narrar e produzir mundos são práticas imbricadas (Haraway, 2016), é preciso um cuidado redobrado ao discutir os assuntos emergentes na cobertura jornalística socioambiental da Amazônia.

Nosso problema de pesquisa envolve a integridade da informação climática a respeito do debate sobre a savanização da Amazônia pelo jornalismo brasileiro, demarcado por pressuposição e pela fidelização das distintas fontes científicas. Tais fontes, por sua vez, são convergentes à percepção da fragilidade da floresta e de suas comunidades humanas e não humanas, hierarquicamente posicionadas a favor ou não do termo *savanização* nas três webmatérias selecionadas, são, todavia, consensuais em relação às mudanças climáticas no sequenciamento das produções jornalísticas.

O objetivo é demonstrar a importância do debate científico em torno das alterações do clima em decorrência de ações humanas, entendendo que as distintas manifestações paradigmáticas contribuem para um perspectivismo balanceado ou à legitimidade de vozes ecológicas diante dos seus impactos. Com o intuito de desenvolver esse objetivo de pesquisa, discutiremos sobre o papel das fontes na integridade informacional do jornalismo climático, os pressupostos acumulados do método fenomenológico ao pós-fenomenológico, a fim de analisar os discursos científicos acerca da savanização do bioma amazônico nas webmatérias jornalísticas selecionadas para nosso *corpus*. Pretendemos chegar a resultados relacionados ao prolongamento do debate na instituição do processo de “morte anunciada” no contexto socioambiental da região.

Fontes científicas e integridade da informação no jornalismo climático

Os estudos de fontes no jornalismo incluem sua classificação, sua hierarquização ou seu balanceamento, a relação com a noticiabilidade, entre outros enquadramentos. Nosso propósito, aqui, é discutir a materialidade de suas perspectivas em discursos delimitados pelos processos e pelas práticas dos dispositivos editoriais, em cada narrativa e ininterruptamente. Segundo Maurice Mouillaud (2002a), o enquadramento opera por meio de um corte e uma focalização, respectivamente, separando um campo e intensificando as relações objetos-indivíduos na mediação jornalística. As fontes seriam objetificadas a partir dessa compreensão, em cortes e focalizações variadas, incluindo as paráfrases e as citações mobilizadas pelos agentes da informação.

As fontes não têm ligações orgânicas com seus enunciados no jornalismo, daí serem destacadas de seus discursos, que podem vir a ser utilizados segundo os “empréstimos” do jornalismo (Mouillaud, 2002b). Dessa forma, as manifestações das fontes são pressupostas enquanto poder-dizer, todavia, sem a garantia da legitimidade de sua integridade. Portanto, o dizer de origem dá lugar à interpretação dos fatos materializados nas manifestações discursivas, parafraseadas e citadas no escopo do jornalista e editor, e na fidelização operada nas rotinas profissionais (Mouillaud, 2002b). O construto discursivo, nesses termos, pode ser hierarquizado em favor das fontes consideradas mais verídicas, ou balanceado de modo a valorizar aquelas comprometidas com governança, valores sociais, entre outros critérios (Boykoff, 2011; Wyss, 2008).

Se, por um lado, as evidências das mudanças climáticas são negadas por políticos e cidadãos, os cientistas são naturalmente angulados por sua responsabilidade e compromisso com a veracidade. Muitas vezes, as fontes científicas são as únicas a aparecer nas produções jornalísticas acerca dos efeitos e impactos humanos sobre o clima. Seus enquadramentos por parte de jornalistas – entre outros atores da sociedade civil e do ambientalismo – transitam por meio de discursos permeados de justiça ambiental e precisão em favor de comunidades vulneráveis (Boykoff, 2011). Essas fontes minimizam ou dizem incertezas através de dados e resultados, colaborando para a mitigação de crises, sendo pressupostas e fidelizadas na integridade da informação climática. A defesa da ampliação da prática de interpretação da ciência articula seus discursos a outros, advindos de instituições jurídicas e civis (Boykoff, 2011).

A integridade da informação sempre foi interesse do jornalismo, sendo sempre atingida por meio da noticiabilidade, da reportagem de rua, do testemunho, de documentos e provas, da responsabilidade social com as versões mais próximas da verdade. Todavia, suas práticas e seus processos foram atravessados, nos últimos anos, por desvios informacionais que ameaçam também outros campos legitimados pela sociedade da informação, a opinião pública e as democracias ocidentais (Empoli, 2019). O conceito chega à contemporaneidade, de acordo com o Painel Internacional de Informação Ambiental (IPIE, 2025), pela soma de contribuições das ciências da computação, da informação, organizacionais, políticas, jurídicas, das relações internacionais e da filosofia. Envolve os atributos de preservar, dar acesso, transparência, confiabilidade, precisão e avaliação. O Painel elaborou um relatório de Integridade da Informação sobre Ciências Climáticas (2025), denunciando o ataque às informações climáticas por parte dos lobistas do petróleo, governantes, líderes políticos, grupos e *think tanks* (eventos de reflexão) conservadores, com robôs atuando nas mídias sociais, atores e tecnologias a favor da morte da natureza e de suas redes de proteção.

A integridade informacional na comunicação e no jornalismo acumulam e atualizam os paradigmas de factualidade, testemunho, verdade, perspectivismo, precisão e balanceamento. Vista pela perspectiva conceitual dos estudos pós-coloniais (Bhabha, 1998), é uma expressão das ciências humanas e sociais, carregada de ambivalência, ou seja, atravessada por sentidos hegemônicos e subalternos relacionados a minorias sociais, raciais e étnicas. Por um lado, deve reconhecer as tentativas dos desvios de desinformação, *fake* e negacionismo, convergentes ou não, de prejudicar as representações factuais e verídicas da realidade. Por outro lado, abarca as disrupções das subalternidades contra eles, arregimentando estratégias para minimizar os impactos de seus efeitos na sociedade da informação. No contexto desinformativo contemporâneo, os subalternizados são sujeitos e comunidades vítimas não só dos efeitos e impactos climáticos, mas também das distrações, das mentiras e das especulações mal intencionadas. Todavia, os estudos pós-coloniais aqui referenciados também preveem sentidos perpassados por intersubjetividades sem necessariamente envolver camadas de subalternidades, caso dos debates científicos aqui analisados.

A integridade da informação climática passou pela denúncia de suas consequências no século XX, seguindo na operância de riscos no campo de incertezas (Painter, 2013), no balanço entre evidências e soluções, nas camadas econômicas (Capitaloceno), socioambientais (Androceno masculinizante, racismo, xenofobia) do Antropoceno e nas disrupções contra formas desinformativas no século XXI (Almeida, 2025). Os cientistas do clima sempre foram angulados enquanto fontes na discursividade ininterrupta das alterações antropogênicas do clima terrestre. Analisaremos como o jornalismo em webmatérias acumula essas estratégias com o apoio das fontes científicas em favor da Amazônia brasileira.

Método pós-fenomenológico

O debate científico a respeito das mudanças climáticas diante da compreensão ininterrupta do campo jornalístico depende de uma metodologia capaz de legitimar a transição de perspectivas e discursos, em uma horizontalidade informacional em que a integridade depende do balanceamento de fontes ou da sobrevalorização de discursividades ecológicas. Homi Bhabha (1998) sinaliza um método capaz de contribuir para a análise de perspectivas subjetivas e intersubjetivas, ao considerar o Outro pós-colonial não como algo atrelado ao simplismo de uma categoria fixa e oposta ao eu, sendo introduzido em um sistema de diferenciação cultural não fenomenológica (no sentido reducionista da palavra, relativo ao recorte imanente individual dos fenômenos e fatos transcendentais aos seres). O recorte pós-fenomenológico consegue apreender as nuances dos atores sociais e personagens inseridos em narrativas permeadas por intersubjetividades e suas complexidades intersticiais. Configurado em método, esse recorte tem o propósito de reunir sujeitos e comunidades “em uma relação que é diferencial e estratégica em vez de originária, ambivalente, em vez de acumulativa, duplicadora, em vez de dialética” (Bhabha, 1998, p. 92). Delimita, portanto, o percurso de discursos e perspectivas coexistentes para além de construtos hierárquicos.

Maurice Merleau-Ponty (1999) apresenta o fenomenológico como resultado da objetificação do transcendente através dos sentidos e de suas percepções, cabendo a cada sujeito fazer a redução dos fatos exteriores a ele por meio da seleção de apreensões da realidade por meio de visão, audição, pele, memória, consciência, olfato, paladar etc. Wilson Gomes (2009) aplica o conceito de *perspectivismo* ao se referir a esse recorte fenomenológico, a partir do qual os fatos não são dados definitivos e independentes das subjetividades que os apreendem. Nem a consciência é fechada em autotransparência e autodeterminação absolutas, nem os fatos são indiferentes às vivências humanas. Cada experiência vai intervir nesses fatos de modo a constituir seus aspectos, suas características, suas formas, fazendo com que deixem de ser fatos em si mesmos, passando a transitar de uma percepção a outra. Mikhail Bakhtin (1997) conceitua essas movências de perspectivas como *excedentes*, responsáveis por prover acabamento e imanência às factuaisidades até sua próxima apreensão, sendo necessário interromper a observação de um sujeito para excedê-la à angulação reservada a outrem. Assim, o autor define o recorte fenomenológico, mas também sinaliza o processo dos sentidos recolhidos nas intersubjetividades, através das quais as perspectivas dos outros constituem as nossas percepções, processos reconhecidos pelos pressupostos metodológicos da pós-fenomenologia.

Retornando aos paradigmas pós-coloniais de Bhabha (1998), os interstícios pós-fenomenológicos entre intersubjetividades de sujeitos e grupos sociais são delimitados nas práticas discursivas em que o *disjuntivo*, termo mais complexo para o recorte de percepção a um outro excedente, constitui-se como um espaço intermediário além dos limites dos poderes hegemônicos em que os sujeitos podem operar, e o *ambivalente* caracteriza-se pelas intersecções de tempo e lugar em uma discursividade não sequencial permanentemente disruptiva. O método pós-fenomenológico servirá à identificação das manifestações ambivalentes abarcadas pela agência pós-colonial “em um processo de substituição, deslocamento ou projeção” (Bhabha, 1998, p. 228), configurado em uma técnica de pesquisa capaz de interferir nas tentativas essencialistas dos discursos dos envolvidos e confrontar sentidos concordantes e discordantes, deslocando e substituindo expressões consideradas definitivas ou verticalizantes. Nesses termos, analisaremos as percepções paradigmáticas sobre a savanização da Floresta Amazônica, abarcada por diferentes webmatérias jornalísticas, e seus efeitos sobre a integridade da informação.

Simão Almeida (2025) aponta estudos pós-coloniais historicistas (da factualidade ao balanceamento), socioambientais (desinformativos e disruptivos) e discursivos (camadas do Antropoceno) dos paradigmas informacionais a partir dos quais sentidos e conceitos são ambivalentes porque estão passíveis de serem substituídos e superados. Dessa forma, seguiremos com as disruptões científicas a respeito dos

impactos climáticos na Amazônia para entender os consensos e dissensos dessas fontes especializadas em torno da hipótese da savanização no panorama pós-fenomenológico da discursividade jornalística, ou seja, na transição conceitual de uma perspectiva científica a outra.

Discursos ininterruptos e paradigmáticos da savanização no jornalismo

A seleção de três matérias jornalísticas dos portais de notícias *Fato Regional*, *((o))eco* e *Um Só Planeta*, publicadas entre 2020 e 2025, justifica-se pelo fato de elas terem sido veiculadas por sites que regularmente abordam temas socioambientais, além de apresentarem enfoques discursivos diversos sobre a Amazônia e articulações entre ciência e meio ambiente. *((o))eco* é um portal de jornalismo ambiental independentes e sem fins lucrativos, *Um Só Planeta* é uma iniciativa sustentável do conglomerado de mídias Globo e *Fato Regional* descreve-se como portal de notícias do estado do Pará, contendo as editorias Gerais, Polícia e Política. Vamos nos basear no roteiro para análise de discursos jornalísticos de Simão Almeida (2021), que considera os preceitos da pragmática do discurso, da fenomenologia, da pós-fenomenologia e dos estudos pós-coloniais, estimulando discussões sobre fontes oficiais, especializadas e não oficiais, suas subjetividades e intersubjetividades.

Em relação à reportagem do *((o))eco*, “Destruição da Amazônia pode transformá-la em deserto e desencadear pandemias” (2020) – através da reprodução de uma entrevista do climatologista Carlos Nobre concedida ao *Podcast Reconecta*, que dá origem à narrativa jornalística do *website* –, há hierarquia entre as fontes jornalísticas. Portanto, nota-se ambivalências de sentido (Bhabha, 1998), pois ao mesmo tempo que o entrevistador estimula a manifestação discursiva do entrevistado, o portal antecipa seu discurso, devido ao conteúdo apresentado no *podcast*. A webreportagem é assinada por Rafael Duarte (2020, [s.p.]), segundo quem a entrevista feita com Nobre “discute os riscos, inclusive de saúde, da destruição da Amazônia e o papel da sociedade em pressionar por mudanças”, prevendo a possível transformação do bioma em deserto.

Os discursos apresentados são majoritariamente compostos por citações, pois o portal de notícias transcreve a pergunta feita ao entrevistado no *podcast* e em seguida expõe a resposta dada à fonte, com a qual tem uma relação inorgânica (Mouillaud, 2002b), ou seja, não totalitária e de curto a médio prazo. Então, a transição de discursos ocorre entre a perspectiva do entrevistador e a do entrevistado, além da do próprio jornalista do *((o))eco*, que explicita a origem do material reportado. Em razão disso, o enquadramento da fonte sobre o tema é o único apresentado, não havendo outras perspectivas acionadas para o debate.

O discurso do jornalista pode ser observado no *lead* do texto, no trecho em que elucida, por exemplo, que Nobre integrara o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), e “em 2007, ganhou um Nobel da Paz e é um dos maiores especialistas do país quando o assunto são mudanças climáticas” (Duarte, 2020, [s.p.]). Com isso, o discurso jornalístico é compatibilizador, pois o *((o))eco* não mostra um conflito direto entre diferentes vozes, limitando-se a relatar e projetar o que a fonte havia observado.

Os nossos cálculos indicaram que se o desmatamento, se o aquecimento global continuar, sete o uso do fogo na Amazônia, tanto para queimar a área desmatada quanto na agricultura com a renovação de pasto e culturas, se isso tudo continuar, nós estimamos algo em torno de três a cinco décadas para esse processo se completar (Duarte, 2020, [s.p.]).

A webreportagem trata o fato de modo geral, abordando sobre a floresta e os riscos de desmatamento, para em seguida passar para as particularidades (regiões Sul e Sudeste da Amazônia), alternando entre macro e microespaços naturais. Ao mesmo tempo, o portal aborda temporalidades, dado que Carlos Nobre fala sobre o levantamento da “hipótese da savanização da Amazônia há três décadas” (Duarte, 2020, [s.p.]), bem como de perspectivas futuras.

[...] se o desmatamento continuar nas taxas que nós estamos vendo, como em 2019 e 2020, com taxas crescentes de desmatamento na maior parte da Amazônia, principalmente na Amazônia brasileira, nós estamos estimando que esse ponto de não-retorno vai ser cruzado entre 15 e 30 anos (Duarte, 2020, [s.p.]).

Predomina, assim, um estilo de narrativa jornalística mais informativo, embora existam traços de *storytelling* e foco em trajetória e formação, no discurso do jornalista, ao ressaltar:

Muito antes da devastação do bioma atingir os patamares atuais, o climatologista brasileiro Carlos Nobre sugeriu, em 1991, a hipótese da savanização da Amazônia, como consequência do agravamento da destruição da floresta. O pesquisador foi um dos membros do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) que, em 2007, ganhou um Nobel da Paz e é um dos maiores especialistas do país quando o assunto são mudanças climáticas. Atual presidente do Conselho Diretor do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, Carlos Nobre conversou com o jornalista Rafael Duarte durante o segundo episódio do *Podcast Reconnecta*: “Amazônia em risco e a crise do clima que precisamos resolver” (Duarte, 2020, [s.p.]).

Então, a manifestação discursiva de Duarte (2020) contribui para uma narrativa jornalística interpretativa por parte do cientista e de caráter noticioso considerando os fins jornalísticos, incluindo panorama de riscos e projeções de possibilidades. Isso pode ser notado na explanação do climatologista ao alertar para o risco de savanização: “[...] nós estimamos algo em torno de três a cinco décadas para esse processo se completar” (Nobre *apud* Duarte, 2020, [s.p.]). Logo, trata-se de perspectiva diante de contexto de causa e consequência (Bueno, 2007). Por isso, o texto jornalístico guia a interpretação científica através de causas/fatores (desmatamento, uso do fogo, expansão da pecuária), efeitos/impactos (risco de savanização, aumento de secas, mortalidade de árvores, pandemias) e soluções (consumo consciente, certificação de origem, agricultura regenerativa) (Duarte, 2020).

Nobre relata outras observações de campo: “Vários estudos observacionais estão mostrando que o sul e sudeste da Amazônia, particularmente no Brasil, mas também na Amazônia boliviana e peruana, a estação seca está ficando muito mais longa” (*apud* Duarte, 2020, [s.p.]). É predominante no discurso do climatologista o enquadramento explícito de crise, ao dizer que

[...] se nós não pararmos com o desmatamento, com as queimadas, com a invasão, com o roubo de madeira, com o garimpo ilegal, nós vamos criar uma grande oportunidade para esses microrganismos passarem para nós como zoonoses e aí sim, nós vamos ter muito mais pandemias (Nobre *apud* Duarte, 2020, [s.p.]).

A subjetividade do especialista cita um dado estatístico: “90% dos brasileiros é [*sic*] contra o desmatamento na Amazônia” (Nobre *apud* Duarte, 2020, [s.p.]), gerando expectativa de resolução do problema. Isso ocorre no mesmo momento em que o jornalista deixa de transitar por sentidos de uma fonte especializada para abarcar fontes oficiais e não oficiais capazes de contribuir por meio de estratégias de governança e comunitárias. Conforme Bhabha (1998), em relação aos excedentes discursivos majoritários, a webmatéria apresenta característica ambiental interpretativa de caráter científico, enquanto os resíduos majoritários são noticiosos e perspectivistas (futuro na contemporaneidade), além de panorâmicos (atualidade correlaciona passado e presente) e demarcados por uma policrise que, nos termos de Edgar Morin e Anne Kern (2003), caracteriza-se por confluências de diversas crises políticas, econômicas, ambientais etc.

Quanto à webreportagem “Cientistas da Unicamp propõem abandono da expressão ‘savanização da Amazônia’” (2024), do site *Um Só Planeta*, publicada sem indicação de autoria, também existe hierarquia entre fontes e discursos, pois a perspectiva discursiva de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) prevalece no texto. Para isso, o portal de notícias utiliza trechos de um artigo publicado na revista *Perspectives in Ecology Conservation*, sem mencionar os nomes dos especialistas. As fontes especializadas são as únicas acionadas na narrativa jornalística.

Segundo *Um Só Planeta*, os pesquisadores defendem que o termo *savanização* “associa florestas desmatadas ou degradadas com savanas, reforçando preconceitos contra savanas naturais, caso do Cerrado” (Cientistas..., 2024). Diante disso, o *site* contraria a expressão, alternando entre o discurso direto citado e o indireto (parafraseado). Sabe-se, desse modo, a fonte da informação divulgada (Mouillaud, 2002b).

Os autores do trabalho enfatizaram que “savanização” associa florestas desmatadas ou degradadas com savanas, reforçando preconceitos contra savanas naturais. “O Cerrado é a maior e mais rica savana do mundo, mas recebe menos atenção e recursos de conservação”, observam (Cientistas..., 2024, [s.p.]).

O discurso do *site* sinaliza a transição entre os sentidos de seu próprio discurso e o do discurso das fontes especializadas que fazem o mesmo enquadramento sobre o tema, com sentidos e intersubjetividades compartilhados (Bhabha, 1998) e compatibilizados (Rodrigues, 2002). A webmatéria aponta como os fatos apresentam-se às fontes, levando em conta a pressuposição do valor público e social delas. *Um Só Planeta* trata o fato partindo do particular para o geral, porquanto inicia com um debate acadêmico (posição dos pesquisadores da Unicamp) e o conecta a uma conjuntura mais ampla – a saber, com a discussão pública sobre savanização de micro para macrocontextos socioambientais.

Porém, existem lacunas, se levarmos em consideração que a narrativa não apresenta vozes contrárias ao abandono da terminologia, sem aprofundamento sobre causas, efeitos e soluções, contra os pressupostos de Bueno (2007; 2024) e Dornelles (2008), ao não ouvir todos os lados de um determinado fato ou contexto, deixando de garantir a diversidade de vozes. O ponto de vista das fontes especializadas é pressuposto por partir de autoridades públicas sobre o tema discutido, com maior dimensão ambiental. Então, a migração entre intersubjetividades de fontes científicas, matéria a matéria, demonstra a impossibilidade de haver diversidade paradigmática em uma mesma produção jornalística, e ainda evidencia uma lacuna que poderia ser preenchida por profissionais jornalistas, ambientalistas ou comunicadores, por exemplo. Há, portanto, características científicas institucionais nas manifestações discursivas acionadas na webreportagem do portal *Um Só Planeta*, pois os pesquisadores citados pertencem à Unicamp, instituição pública de ensino e pesquisa e representam o saber acadêmico – mas, por não falarem em nome de um órgão governamental, não são “oficiais”.

Em outro trecho, para contextualizar as explicações sobre o abandono do termo *savanização*, o portal esclarece: “Diante disso, eles sugerem, propõem, abandonam o uso de ‘savanização da Amazônia’, e que o seu substituto não reforce o abandono do cerrado natural” (Cientistas..., 2024, [s.p.]), parafraseando o discurso das perspectivas especializadas, permeadas de saberes científicos. Diante disso, podemos dizer que a narrativa trata repercussões do debate envolvendo perspectivas humanas e não humanas dos biomas floresta e savana, pois destaca que

Os pesquisadores pediram ainda que se promova o apoio e a atenção de que o Cerrado precisa. “Um ambiente aberto pode ser descrito em termos de clima, mas a palavra savana tem múltiplos usos e conotações, incluindo a ideia de empobrecimento e inferioridade. Se as savanas naturais são vistas como lugares pobres, então não valeria a pena preservá-las”, escreveram no artigo (Cientistas..., 2024, [s.p.]).

Então, a reportagem discute o termo *savanização* e suas implicações interpretativas sobre um bioma, evidenciando, portanto, a representação de um ecossistema com enfoque terminológico. De acordo com os pensamentos de Bhabha (1998), no que diz respeito aos excedentes discursivos majoritários inorgânicos, prevalece o aspecto noticioso de caráter socioambiental, enquanto os resíduos são perspectivistas (futuro na contemporaneidade), já que sugerem que passemos a utilizar outro termo, proposição lacunar se levarmos em conta que a webreportagem não menciona uma terminologia ideal que substitua o uso do termo *savanização*. À vista disso, as ambivalências discursivas são, do mesmo modo, noticiosas, sem caráter

interpretativo-investigativo, com interstícios nos panoramas e nas perspectivas futuras sob expectativa de um conceito apropriado. Além disso, trata-se de uma narrativa não balanceada, visto que os especialistas são as únicas fontes de informação da notícia, sobrevalorizando o conhecimento acadêmico-científico.

A webreportagem do *Fato Regional*, “Amazônia reduz capacidade de recircular água e estocar carbono devido secas mais frequentes e intensas” (2024), publicada sem indicação de autoria, informa que a duração do período seco na Amazônia vem aumentando nas últimas décadas. Conforme o portal de notícias, há comprometimento da capacidade da floresta de manter o ciclo da água e estocar carbono, indo ao encontro dos alertas feitos por Fearnside (2008). Somente fontes de informação especializadas foram utilizadas no conteúdo jornalístico, justificando os pressupostos de Maxwell Boykoff (2011) e Bob Wyss (2008) a respeito da utilização de fontes mais verídicas no jornalismo ambiental e climático, possivelmente com o intuito de manter a integridade informacional.

Na reportagem em questão, há hierarquia de fontes e discursos científicos, pois o conteúdo estrutura-se a partir de estudos e falas de pesquisadores, como é o caso de Liana Anderson, pesquisadora do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN) e integrante da coordenação do Laboratório de Sistemas Tropicais e Ciências Ambientais (Trees, sigla em inglês), de Luiz Aragão, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), membro da coordenação do Trees e do Programa Fapesp de Pesquisa sobre Mudanças Climáticas Globais (PFPMCG), e de Flávia Regina Capelloto Costa, pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) (Amazônia..., 2025, [s.p.]).

Os discursos dessas fontes são acionados predominantemente por meio de paráfrase, com citações indiretas. Isso acontece, por exemplo, na fala de Liana Anderson, quando o *site* parafraseia sua perspectiva discursiva, destacando que “De acordo com a pesquisadora, entre 50% e 60% das chuvas que ocorrem na Amazônia são resultantes da água evaporada do oceano e trazida para o continente” (Amazônia..., 2025, [s.p.]). Então, existe uma relação inorgânica com o enunciado da fonte, nos termos de Mouillaud (2002b), pois se sabe a quem pertence o discurso angulado por empréstimo pelos critérios da edição jornalística.

As manifestações discursivas diretas citadas ficam evidentes quando aparecem na narrativa jornalística entre aspas e finalizadas com expressões como “disse Liana Anderson” (Amazônia..., 2025, [s.p.]). Dessa forma, o meio jornalístico transita entre os sentidos de uma fonte para outra e o discurso do próprio *site*, delimitando uma ambivalência de sentidos (Bhabha, 1998). As fontes fazem o mesmo enquadramento no sentido de demonstrar os riscos e as fragilidades da Amazônia, como a perda de carbono e o uso de fogo. As perspectivas são apresentadas no *lead* da reportagem, primeiro parágrafo da narrativa. Nesse caso, trata-se do discurso angulado pelo meio jornalístico, quando ressalta que “A extensão das áreas afetadas e a duração da estação seca na Amazônia aumentaram nas últimas décadas” (Amazônia..., 2025, [s.p.]), ao passo que os pontos de vista das fontes de informação são expressados nos demais parágrafos da webreportagem, sendo citados de modo indireto e direto.

O *Fato Regional* compatibiliza e amplia os sentidos das fontes científicas, não havendo confronto entre elas e predominando, assim, como os fatos são interpretados pela ciência. Tratam-se de constatações feitas por meio de estudos de pesquisadores do CEMADEN, do Trees e do INPE (Amazônia..., 2025), que partem de um contexto geral para o particular dos impactos climáticos na Floresta Amazônica. Por exemplo, ao exporem um panorama mais amplo do bioma amazônico, essas fontes chegam também a estudos de campo, abordando lençóis freáticos. Então, o *site* alterna entre macro e microcontextos públicos/científicos, tratando de um passado recente, como quando cita “um aumento da duração da estação seca na Amazônia entre 2000 e 2023”, além de perspectivas futuras, visto que alerta para trabalhos que foram apresentados em evento, os quais indicam um “ponto de não retorno (*tipping point*) do bioma amazônico” (Amazônia..., 2025, [s.p.]).

Os discursos prezam pelo caráter informativo, com trechos de testemunhos científicos marcados pelas preocupações das (inter)subjetividades dos declarantes. Porém, não é feita uma investigação aprofundada sobre as possíveis causas políticas ou econômicas relacionadas ao problema, abordando um pano-

rama parcial seu. Todavia, no texto em questão, podemos identificar causas (aumento de temperatura e desmatamento), efeitos (mortalidade de árvores e perda de carbono), impactos (mais incêndios e alteração do ciclo hídrico) e ausência de soluções, a exemplo de propostas de governança política no reconhecimento da mitigação das complicações. Apesar disso, percebe-se conexão entre causas e consequências (Bueno, 2007).

A manifestação discursiva dos especialistas, testemunhos de pesquisa com base em dados coletados em campo, provê o conteúdo técnico da narrativa. Os discursos científicos, acionados tanto de forma direta (citações) quanto indireta (paráfrases), não transitam de sentido para fontes oficiais e não oficiais, delimitando intersubjetividades (Bhabha, 1998) restritas a perfis necessários ao debate científico. Essas perspectivas também forjam discursos de sujeitos cujas vozes são silenciadas, falando pela Floresta Amazônica e por seus processos, como a ciclagem da água e a mortalidade de árvores, legitimando o ativismo científico e ambiental. Isso é revelado na fala de Liana Anderson, pesquisadora do CEMADEN: “Temos feito estudos e medições de campo que mostram que há grandes árvores morrendo durante a estação seca” (Amazônia..., 2025, [s.p.]). Quanto aos excedentes, são interpretativos do *site* jornalístico, que complementa o enquadramento de crise generalizada, mas há a manutenção da ausência de vozes não oficiais, como é o caso dos povos originários e tradicionais, e pouca discussão política.

Nas webmatérias aqui analisadas, percebe-se, portanto, a predominância de hierarquia entre fontes acionadas, que são sobretudo especializadas, havendo ausência de diversidade de vozes, como o envolvimento do cientista Carlos Nobre, respeitado pela comunidade internacional de climatologistas. Além disso, os textos não reúnem as perspectivas científicas em uma mesma produção jornalística, carecendo de relação orgânica permanente com as fontes e seus discursos (Mouillaud, 2002b). Coube ao presente artigo oferecer um panorama a respeito das tentativas de conceitualização dos impactos climáticos pelo jornalismo. Considerando os pressupostos de Bhabha (1998), em todos os conteúdos analisados, há ambivalência de sentidos, ou seja, o trânsito mútuo entre o discurso do jornalista e o das fontes especializadas, trazendo relações entre causas e consequências ambientais (Bueno, 2007). Essa característica nos sinaliza um esforço contra a desinformação climática, exigindo uma análise acadêmica, científica e profissional. Essa investigação deve considerar as mudanças de paradigmas, essenciais à história da ciência e das sociedades, motivadas por descobertas e novas leituras contextuais, conforme defendido por Thomas Kuhn (1998), Gaston Bachelard (2006) e Edgar Morin (2005). Assim, o discurso ininterrupto da savanização no jornalismo brasileiro, abrange as diferentes perspectivas dos cientistas em narrativas jornalísticas distintas, sem deixar de compatibilizar as manifestações acerca dos impactos das mudanças climáticas na Amazônia.

Quanto às diferenças entre os *sites*, destacamos que o *Fato Regional* alterna entre micro e macro-contextos, passado e futuro, enquanto *((o))eco* também aborda o presente, com viés perspectivo de riscos, nesse caso, de savanização e pandemias. Por outro lado, *Um Só Planeta* concentra-se no tempo presente, sem projeções ambientais no porvir. O *Fato Regional* apresenta causas e efeitos, mas não soluções. De outra maneira, *((o))eco* cita soluções possíveis, ao passo que *Um Só Planeta* trata de mudança terminológica, sem discutir implicações sociais. Distantes do balanceamento dos discursos científicos e não científicos, os veículos alternam seu enquadramento dos impactos entre decisões editoriais pelo não conceitual, pela desertificação ou savanização. A pressuposição ininterrupta dos cientistas fideliza o debate sobre um termo apropriado, optando o pesquisador Carlos Nobre por uma metáfora, forma legitimada pelo jornalismo ao assimilar parte da dimensão discursiva técnica de outros campos sociais (Rodrigues, 2002). Dessa forma, a integridade da informação climática é mantida, pois os meios de discursividade jornalística e suas contribuições à opinião pública justificam os fins de panorama climático em nosso país. A partir de nossa análise, consideramos o balanceamento de fontes em favor das ecologicamente comprometidas diante de um cenário de emergências e extremos climáticos, seja nos meios tradicionais, seja nos independentes e considerados alternativos.

Considerações finais

A integridade da informação climática leva em consideração as mudanças paradigmáticas e o consenso de cientistas e pesquisadores. Os impactos das mudanças antropocêntricas sobre o clima na Floresta Amazônica podem aparecer configurados em características de deserto ou savana, mas têm no jornalismo a garantia de um debate público a respeito de como a ciência, cientistas de renome e grupos de pesquisa ilustram seus efeitos tempo a tempo, em uma discursividade sequencial ou não, contra a desinformação.

Apesar de garantir as proposições do jornalismo ambiental pelo uso de discursos ecológicos, pelo balanceamento de vozes mesmo em um panorama ininterrupto, pela legitimidade de vozes profissionais ativistas acionadas e pela interpretação de causas e consequências sob fins noticiosos em processo, as webmatérias de portais da grande mídia regional e independente aqui analisadas abriram margem para uma discussão em termos conceituais. Acreditamos que desertificação e savanização podem ser confundidos em relação aos biomas terrestres deserto e savana, às suas comunidades originárias e tradicionais subalternizadas pelas ações humanas. Nesse sentido, optamos pela compreensão sistêmica de *sutura de características* florestais com savânicas de degradação, desarmônicas diante dos impactos climáticos, sem confundir os biomas entre si, mesmo em caso de se atingir um “ponto de não retorno”, expressão mais apropriada do que os termos sugeridos de *deserto/desertificação* e *savana/savanização*. O termo *sutura*, “sequestrado” do campo médico, nesse caso indica a não uniformidade de partes “costuradas” entre si. A sutura de aspectos de espaços naturais degradados com características relativamente preservadas é uma intervenção distinta da harmonia propiciada pelos mosaicos ecológicos de corredores de fauna, flora, relevo, hidrografia etc. de distintos ecossistemas (Forman, 1995).

Ao pressupor e fidelizar vozes científicas ou não sobre as realidades socioambientais de biomas e ecossistemas, a grande narrativa do jornalismo brasileiro pode até não finalizar discussões paradigmáticas, mas deve sinalizar a discursividade ininterrupta apropriada dos conhecimentos científicos, até que uma apreensão factual ou metafórica possa ser mais adequada para caracterizar sentidos aprofundados, contextuais e sistêmicos. A partir do acúmulo das três webmatérias analisadas, propomos o uso da *sutura de características*, mas também entendemos que o debate conceitual não se fecha aqui.

Referências

- ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. **Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil** – 2024. São Paulo: Abraji, 2024. Disponível em: <https://abraji.org.br/projetos/monitoramento-de-ataques-a-jornalistas>. Acesso em: 3 nov. 2025.
- ALMEIDA, S. F. Roteiro de análise de discursos jornalísticos. **Meu Blog Simão**, on-line, 2021. Disponível em: <https://meublogsimao.blogspot.com/p/arquivos-academicos.html>. Acesso em: 25 out. 2025.
- ALMEIDA, S. F. **Integridade da informação climática na cobertura jornalística de desastres**. João Pessoa: Ideia, 2025.
- ALVES, F. A. F.; BEZERRA, I. R. S.; LIMA, T. F.; SOUZA, S. M.; NUNES, A. C.; BRANDÃO, E. J. Impactos de mudanças climáticas para a fisiologia e morfologia vegetal e à sociedade. **Revista Ambientale**, Arapiraca (on-line), v. 16, n. 1, p. 24-36, 2024.
- AMARAL, R. A.; SOUZA, R. J. Revisão integrativa sobre as secas na Região Amazônica e seus impactos nos recursos hídricos. **Revista GeoAmazônia**, on-line, v. 13, n. 26, p. 96-112, 2025.
- AMAZÔNIA REDUZ CAPACIDADE de recircular água e estocar carbono devido secas mais frequentes e intensas. **Fato Regional**, on-line, 21 jun. 2025. Disponível em: <https://fatoregional.com.br/amazonia-reduz-capacidade-de-recircular-agua-e-estocar-carbono-devido-secas-mais-frequentes-e-intensas>. Acesso em: 24 out. 2025.
- BACHELARD, G. **A Epistemologia**. Tradução de Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. Tradução de Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- BECKER, B. K. **Amazônia**: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BEUCHLE, R.; ACHARD, F.; BOURGOIN, C.; VANCUTSEM, C.; EVA, H. D.; FOLLADOR, M. **Desflorestação e degradação florestal na Amazônia** – ponto da situação e tendências até 2020. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2022.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOND, L. Dom e Bruno: 3 anos após crime, Vale do Javari continua sob ameaça. **Agência Brasil**, on-line, 5 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-06/dom-e-bruno-3-anos-apos-crime-vale-do-javari-continua-sob-ameaca>. Acesso em: 21 out. 2025.
- BOYKOFF, M. **Who Speaks for the Climate?** Making Sense of Media Reporting on Climate Change. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

- BUENO, W. C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.
- BUENO, W. C. **Jornalismo ambiental**: teoria, prática e pesquisa. São Paulo: JORCOM; ComTexto Comunicação e Pesquisa, 2024.
- BURGH, H. **Jornalismo investigativo**: contexto e prática. Tradução de Luiza Lusvarghi. São Paulo: Roca, 2008.
- CÂNDIDO, L. A.; MANZI, A. O.; TOTA, J.; SILVA, P. R. T.; SILVA, F. S. M.; SANTOS, R. M. N.; CORREIA, F. W. S. O clima atual e futuro da Amazônia nos cenários do IPCC: a questão da savanização. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 3, jul.-set. 2007.
- CIENTISTAS DA UNICAMP propõem abandono da expressão “savanização da Amazônia”. **Um só Planeta**, on-line, 30 ago. 2024. Disponível em: <<https://umsoplaneta.globo.com/clima/noticia/2024/08/30/cientistas-da-unicamp-propoe-abandono-da-expressao-savanizacao-da-amazonia.ghml>>. Acesso em: 24 out. 2025.
- CONNER, T. B. **Journalism and Realism**: Rendering American Life. Evanston: Northwestern University Press, 2011.
- DOLCE, J.; MONTENEGRO, M.; SHOENENBERG, R. (org.). **Atlas da Amazônia**. Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll, 2025.
- DORNELLES, B. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 121-131, 2008.
- DUARTE, R. Destruição da Amazônia pode transformá-la em deserto e desencadear pandemias. **((o))eco**, on-line, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/destruicao-da-amazonia-pode-transforma-la-em-deserto-e-desencadear-pandemias/>. Acesso em: 24 out. 2025.
- EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- FEARNSIDE, P. M. Amazônia e aquecimento global: 1 – Resumo da Série. **Amazônia Real**, on-line, 22 nov. 2018. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-e-o-aquecimento-global-1-resumo-da-serie/>. Acesso em: 7 out. 2025.
- FEARNSIDE, P. M. Clima e mudanças na Amazônia brasileira. In: CONFERÊNCIA MUDANÇAS E CLIMA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA, Edição única, Rio de Janeiro, 27 a 28 de fevereiro de 2008. **Anais...** Rio de Janeiro, 2018.
- FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil** – Relatório 2024. Brasília: FENAJ, 2024.
- FEITOSA, K. K. A.; VALE JÚNIOR, J. F.; SCHAEFER, C. E. G. R.; SOUSA, M. I. L.; NASCIMENTO, P. P. R. R. Relações solo-vegetação em “ilhas” florestais e savanas adjacentes, no nordeste de Roraima. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 26, n. 1, p. 135-146, 2016.
- FORMAN, R. T. T. **Land Mosaics**: the Ecology of Landscapes and Regions. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- GOMES, W. **Realismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.
- HARAWAY, D. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Londres: Duke University Press, 2016.

IPIE – International Panel on the Information Environment. **Information Integrity about Climate Science: a Systematic Review – Synthesis Report 2025.1.** Zurich, Switzerland: IPIE, 2025. Disponível em: https://cdn.prod.website-files.com/643ecb10be528d2c1da863cb/68541b1613026bbfd94181b9_SR2025.1%20-%20Information%20Integrity%20about%20Climate%20Science.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** 2 ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** 82. ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E.; KERN, A. **Terra-pátria.** Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, S. D. (org.). **O jornal: da forma ao sentido.** Brasília: Editora UnB, 2002a. p. 49-83.

MOUILLAUD, M. O sistema das citações. In: PORTO, S. D. (org.). **O jornal: da forma ao sentido.** Brasília: Editora UnB, 2002b. p. 117-144.

MUHLMANN, G. **A Political History of Journalism.** Cambridge: Polity Press, 2008.

NOBRE, C. A.; ARIEIRA, J.; BRANDÃO, D. O. Amazônia em risco e a COP30 como uma oportunidade crítica para evitar o ponto de não retorno. **Estudos Avançados**, on-line, v. 39, n. 114, p. e39114029, 2025.

PAINTER, J. **Climate Change in the Media: Reporting Risks and Uncertainty.** Londres: I. B. Tauris & Co. Ltd, 2013.

PORTELLA, D. A. P. C.; BLANCO, L. S.; MELLO FILHO, M. E. T.; SANTOS, J. L. A. A importância da Amazônia na dinâmica climática do Centro-Sul brasileiro: influência nas dinâmicas ambientais e socioeconômicas. **Ensaios de Geografia**, on-line, v. 9, n. 19, p. 66-86, 2022.

RIBEIRO, A. B. F.; MALCHER, J. L. C.; SILVA, B. F. P. P.; OLIVEIRA NETO, J. S.; FREITAS, D. T. H. Avaliação por georreferenciamento do processo de savanização em uma área em Ponta de Pedras, Marajó, Pará, entre 1997 e 2022. **Revista Brasileira de Climatologia**, Dourados (on-line), v. 33, n. 19, p. 312-328, 2023.

RODRIGUES, A. D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: PORTO, S. D. (org.). **O jornal: da forma ao sentido.** 2 ed. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 217-233.

SANTOS, N. M. C.; VALE JÚNIOR, J. F.; BARBOSA, R. I. Florística e estrutura arbórea de ilhas de mata em áreas de savana do norte da Amazônia brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi de Ciências Naturais**, Belém, v. 8, n. 2, p. 205-221, 2013.

SCANNAVINO, C. Brasil, país do futuro? Hora de nacionalizar a Amazônia e amazonizar o mundo. **Solidariedade & Sustentabilidade**, Belém (on-line), v. 2, n. 1, p. 1-21, 2026.

SCHUDSON, M. **Descobrimos a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. São Paulo: Vozes, 2010.

UNESCO. **Jornalismo, fake news & desinformação**: manual para educação e treinamento em jornalismo. Unesco, 2019.

WERNECK, F. P.; FERREIRA, J. G.; ZANUSSO, F. O futuro distópico já chegou para a herpetofauna amazônica... e agora?: aceleração das mudanças climáticas pelas ações humanas afetam todas as formas de vida, mas alguns grupos são considerados mais vulneráveis, como os anfíbios e os répteis. **Ciência e Cultura**, on-line, v. 75, n. 4, p. 1-13, 2023.

WYSS, B. **Covering the Environment**. Nova York: Routledge, 2008.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Não se aplica.

Fontes de financiamento

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Não se aplica.

INFORMAÇÕES PARA TEXTOS EM COAUTORIA

Concepção e desenho da pesquisa

Simão Farias Almeida

Coleta de dados

Wilians Severino Dias

Análise e/ou interpretação dos dados

Wilians Severino Dias

Escrita e redação do artigo

Simão Farias Almeida, Eveline Teixeira Baptistella, Sewbert Rodrigues Jati, Wilians Severino Dias e Daniela Batista da Silva

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Simão Farias Almeida

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós

Simão Farias Almeida

Informações sobre cuidados éticos e integridade científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não se aplica, pois não houve financiamento externo.

Liste os financiadores da pesquisa

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não se aplica, pois não houve financiamento externo.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior

Não se aplica, pois não houve financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica.